# finale

BECCA FITZPATRICK

# finale

## HUSH, HUSH

Tradução de Viviane Diniz

intrínseca

Copyright © 2012 Becca Ajoy Fitzpatrick

TÍTULO ORIGINAL
Finale

REVISÃO
Carolina Leal
Milena Vargas

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

F583f

Fitzpatrick, Becca
Finale / Becca Fitzpatrick ; tradução de Viviane Diniz. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2013.
304 p. : 23 cm (Hush, hush ; v.4)

Tradução de: Finale
ISBN 978-85-8057-282-7

1. Sobrenatural – Ficção. 2. Anjos - Ficção. 3. Ficção americana. I. Diniz, Viviane. II. Título. III. Série.

12-8530. CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2013]
Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para minha mãe, que sempre ouvi
torcendo por mim a distância
(Vai, garota, vai!)

# PRÓLOGO

## MAIS CEDO NAQUELE DIA

SCOTT NÃO ACREDITAVA EM FANTASMAS. DEFUNTOS FICAVAM EM túmulos. Mas os túneis que se entrecruzavam sob o parque de diversões Delphic, cheios de ecos, farfalhos e sussurros, fizeram-no repensar. Ele não gostava de que sua mente viajasse até Harrison Grey. Não queria se lembrar de seu papel no assassinato de um homem. A umidade pingava do teto baixo. Scott pensou em sangue. O fogo de sua tocha projetava sombras bruxuleantes nas paredes, que cheiravam a terra fria e fresca. Aquilo o fez pensar em túmulos.

Uma corrente de ar gelado arrepiou sua nuca. Por cima do ombro, ele lançou um olhar atento e desconfiado para a escuridão.

Ninguém sabia de seu juramento a Harrison Grey de proteger Nora. Como não podia dizer pessoalmente "Ei, cara, me desculpe por tê-lo matado", ele jurara proteger a filha de Harrison. Sabia que esse não era lá exatamente o melhor pedido de desculpas, não de verdade, mas ainda era o melhor em que conseguia pensar. Scott nem mesmo sabia se um juramento para um homem morto valia alguma coisa.

Mas os sons abafados atrás dele o faziam acreditar que sim.

— Você vem?

Scott só conseguia distinguir o contorno escuro dos ombros de Dante mais à frente.

— Quanto tempo ainda?

— Cinco minutos. — Dante riu. — Assustado?

— Tenso. — Scott correu para alcançá-lo. — O que acontece na reunião? Nunca fiz isso antes — acrescentou, esperando não parecer tão idiota quanto se sentia.

— Os superiores querem conhecer Nora. Ela é a líder deles agora.

— Então os nefilins aceitaram que o Mão Negra morreu?

Nem Scott acreditava completamente nisso. O Mão Negra devia ser imortal. Todos os nefilins deviam ser. Então, quem tinha encontrado um jeito de matá-lo?

Scott não gostava da resposta à qual sempre chegava. Se Nora tivesse feito isso... Se Patch a tivesse ajudado...

Não importava o cuidado que tivessem tomado para encobrir seu rastro. Esqueceriam alguma coisa. Todo mundo sempre esquecia. Era só uma questão de tempo.

Se Nora tinha matado o Mão Negra, ela estava em perigo.

— Eles viram meu anel — respondeu Dante.

Scott também tinha visto. Mais cedo. O anel encantado crepitara como se houvesse fogo azul preso nele. Mesmo agora irradiava um tom de azul pálido e mortiço. Segundo Dante, o Mão Negra havia profetizado que aquele seria o sinal de sua morte.

— Eles encontraram um corpo?

— Não.

— E eles estão aceitando bem o fato de que Nora irá liderá-los? — pressionou Scott. — Ela não se parece em nada com o Mão Negra.

— Ela fez um juramento de sangue para ele ontem à noite. Que passou a valer no momento em que ele morreu. Ela é líder deles, mesmo que não gostem disso. Podem substituí-la, mas primeiro vão pô-la à prova e tentar entender por que Hank a escolheu.

A ideia não agradava Scott.

— E se a substituírem?

Dante lançou um olhar sombrio por cima do ombro.

— Ela morre. São os termos do juramento.

— Não vamos deixar isso acontecer.

— Não.

— Então tudo bem.

Scott precisava ter certeza de que Nora estava segura.

— Desde que ela coopere.

Scott se lembrou do que Nora tinha dito mais cedo naquele dia. *Vou me encontrar com os nefilins. E deixarei minha posição bem clara: Hank pode ter começado esta guerra, mas eu vou dar um fim a ela. E esta guerra vai terminar com um cessar-fogo. Não ligo se não é o que eles querem ouvir.* Ele apertou a ponte do nariz — tinha muito trabalho pela frente.

Continuou a difícil caminhada, prestando atenção às poças. Elas ondulavam como caleidoscópios oleosos, e a última em que pisara acidentalmente tinha deixado seus pés ensopados.

— Eu disse a Patch que não a perderia de vista.

Dante resmungou.

— Está com medo dele também?

— Não. — Mas estava. Dante também estaria se conhecesse Patch. — Por que ela não veio conosco para a reunião?

A decisão de se separar de Nora o deixava apreensivo. Ele se xingou por não ter argumentado antes.

— Não entendo o motivo de metade das coisas que fazemos. Somos soldados. Cumprimos ordens.

Scott se recordou das palavras de despedida de Patch. *Ela está sob seus cuidados. Não estrague tudo.* Aquela ameaça o deixara irritado. Patch achava que era o único que se preocupava com Nora, mas não era. Scott considerava Nora como sua irmã. Ela ficara ao lado dele quando todos lhe viraram as costas, e o fizera desistir de uma loucura.

Eles tinham uma ligação, não *aquele* tipo de ligação. Ele se preocupava com Nora mais do que com qualquer outra garota que já havia conhecido. Ela era sua responsabilidade. E, caso isso fosse importante, ele tinha feito uma promessa ao falecido pai dela.

Dante e ele adentraram ainda mais nos túneis, as paredes se estreitando em volta de seus ombros. Scott virou-se de lado para se espremer e conseguir entrar no corredor seguinte. Quando pedaços de terra desprenderam das paredes, ele prendeu a respiração, como se esperasse que o teto fosse desmoronar de uma vez e enterrá-los.

Finalmente Dante segurou uma aldrava, e uma porta se materializou na parede.

Scott examinou o interior da sala cavernosa. As mesmas paredes sujas e o chão de pedra. Vazia.

— Olhe para baixo. Um alçapão — disse Dante.

Scott saiu de cima da porta do alçapão escondido na construção de pedra e puxou a argola. Vozes alvoroçadas chegaram até eles pelo vão. Ele pulou no buraco, ignorando a escada, e aterrissou três metros abaixo.

Em um instante chegou à sala apertada que se parecia com uma caverna. Homens e mulheres nefilins vestindo túnicas pretas com capuz formavam um círculo restrito em volta de duas figuras que ele não podia ver claramente. Uma fogueira crepitava em um lado. Um ferro em brasa mergulhado no carvão ardia, laranja, com o calor.

— Responda — disparou uma voz velha e firme no centro do círculo. — Qual é a sua relação com o anjo caído a quem chamam de Patch? Você está preparada para liderar os nefilins? Precisamos saber se podemos contar com sua total lealdade.

— Não tenho que responder — rebateu Nora, a outra figura. — Minha vida pessoal não é da sua conta.

Scott aproximou-se do círculo para enxergar melhor.

— Você não tem uma vida pessoal — sibilou uma mulher mais velha, de cabelos brancos e voz vigorosa, brandindo um dedo frágil para Nora, a papada mole tremendo de raiva. — Seu único propósito agora é liderar seu povo para libertá-lo dos anjos caídos. Você é a herdeira do Mão Negra, e, apesar de não querer contrariar a vontade dele, vou destituí-la, se for preciso.

Scott olhava inquieto para os nefilins sob as capas. Vários deles assentiram, concordando.

*Nora*, ele a chamou por telepatia. *O que você está fazendo? Lembre-se do juramento de sangue. Você precisa permanecer no poder. Diga o que quer que seja necessário. Apenas dê um jeito de acalmá-los.*

Nora observou em volta, furiosa, com hostilidade cega, até seus olhos encontrarem os dele. *Scott?*

Ele fez que sim, encorajando-a. *Estou aqui. Não os faça perder a cabeça. Procure mantê-los felizes. E então vou tirar você daqui.*

Ela engoliu em seco, visivelmente tentando se recompor, mas suas bochechas ainda ardiam pela afronta.

— Ontem à noite o Mão Negra morreu. Desde então fui nomeada sua herdeira, impelida à liderança, levada de uma reunião a outra, forçada a cumprimentar pessoas que não conheço, obrigada a usar esta túnica sufocante, interrogada sobre vários assuntos pessoais, empurrada e cutucada, avaliada e julgada, e tudo isso sem um minuto para recobrar o fôlego. Então me desculpem por ainda estar me recuperando.

Os lábios da velha se contraíram em uma linha fina, mas ela não argumentou.

— Sou a herdeira do Mão Negra. Ele me escolheu. Não se esqueçam disso — continuou Nora, e, ainda que Scott não soubesse dizer se ela falava com convicção ou escárnio, aquilo conseguiu silenciar todos.

— Responda-me uma coisa — disse astutamente a senhora após uma longa pausa. — O que aconteceu com Patch?

Antes que Nora pudesse responder, Dante se aproximou:

— Ela não está mais com Patch.

Nora e Scott olharam fixamente um para o outro, depois para Dante. *O que foi isso?*, Nora perguntou a Dante em pensamento, incluindo Scott na conversa.

*Se eles não a deixarem liderar agora, você vai cair morta por causa do juramento de sangue*, respondeu Dante. *Deixe-me cuidar disso.*

*Mentindo?*

*Tem alguma ideia melhor?*

— Nora quer liderar os nefilins — falou Dante em voz alta. — Ela fará o que for necessário. Concluir o trabalho de seu pai significa tudo para ela. Deem-lhe um dia de luto, e ela vai mergulhar de cabeça, totalmente empenhada. Vou treiná-la. Ela consegue. Deem-lhe uma chance.

— Você vai treiná-la? — perguntou a velha com um olhar penetrante.

— Vai dar certo. Confiem em mim.

A senhora refletiu durante um bom tempo.

— Façam a marca do Mão Negra nela — ordenou, por fim.

O olhar apavorado de Nora quase fez Scott se curvar e vomitar.

Os pesadelos. Eles surgiram do nada, dançando em sua cabeça. Mais rápido. Vertiginosamente. Então veio a voz. A voz do Mão Negra. Scott tapou os ouvidos com as mãos, encolhendo-se. A voz ensandecida ria e sussurrava até as palavras se juntarem e começarem a soar como uma colmeia em fúria. A marca do Mão Negra, queimada em seu peito, latejou. Dor renovada. Ele não conseguia distinguir ontem de agora.

— *Parem* — pediu com a voz estrangulada.

A sala pareceu congelar. As pessoas se mexeram, e de repente Scott se sentiu oprimido pelos olhares hostis.

Ele fechou os olhos com força e reabriu. Não conseguia pensar. Tinha que salvá-la. Ninguém estava por perto para impedir o Mão Negra de marcá-lo. Scott não deixaria a mesma coisa acontecer a Nora.

A velha caminhou até Scott, os saltos estalando no piso em um ritmo lento e deliberado. Rugas profundas marcavam sua pele. Olhos verdes embaciados espreitavam de fundas órbitas.

— Você não acha que ela devia provar lealdade?

Um fraco sorriso desafiador curvou os lábios dela. O coração de Scott batia com força.

— Deixe-a demonstrar isso através de ações. — As palavras apenas saíram.

A mulher inclinou a cabeça para o lado.

— O que você quer dizer?

Ao mesmo tempo, a voz de Nora surgiu em sua mente. *Scott?*, disse ela, nervosa.

Ele torceu para não estar piorando as coisas. Passou a língua pelos lábios.

— Se o Mão Negra quisesse que ela fosse marcada, ele mesmo teria feito isso. Ele confiava nela o suficiente para lhe dar essa missão. Isso basta para mim. Podemos passar o restante do dia testando-a, ou podemos começar logo essa guerra. A menos de trinta metros acima das nossas cabeças há uma cidade de anjos caídos. Tragam um aqui embaixo. Eu mesmo irei marcá-lo. Se quiserem que os anjos caídos acreditem que falamos sério sobre a guerra, vamos mandar uma mensagem para eles.

Ele podia ouvir a própria respiração irregular.

Um sorriso começou a se formar no rosto da senhora.

— Ah, eu gosto disso. Gosto muito. E quem é você, querido?

— Scott Parnell. — Ele puxou para baixo a gola da camisa. Seu polegar roçou a pele deformada de sua marca, um punho cerrado. — Vida longa à visão do Mão Negra. — As palavras pareciam bile em sua boca.

A senhora colocou os dedos longos e esguios nos ombros de Scott e inclinou-se para beijar suas bochechas. A pele dela era úmida e fria como a neve.

— E eu sou Lisa Martin. Conheci bem o Mão Negra. Vida longa para seu espírito, em todos nós. Traga-me um anjo caído, meu jovem, e vamos mandar uma mensagem para nosso inimigo.

Acabou rápido.

Scott tinha ajudado a acorrentar o anjo caído, um garoto magro chamado Baruch, que parecia ter 15 anos em idade humana, e ficara de pé no círculo cerimonial. O maior medo de Scott era que esperassem que Nora marcasse o anjo caído, mas Lisa Martin a levara para uma antecâmara particular.

Um nefilim de túnica colocara o ferro em brasa nas mãos de Scott. Ele tinha olhado para baixo, para a placa de mármore e o anjo caído ali algemado. Scott ignorara as promessas amaldiçoadas de vingança de Baruch, repetira as palavras que o nefilim de túnica ao seu lado murmurava em seu ouvido — um monte de besteira que comparava o Mão Negra a uma divindade — e pressionara o ferro quente no peito nu do anjo caído.

Agora Scott estava recostado na parede do túnel do lado de fora da antecâmara, à espera de Nora. Se ela ficasse mais de cinco minutos lá, ele iria atrás dela. Não confiava em Lisa Martin. Não confiava em nenhum dos nefilins de túnica. Era óbvio que formavam uma sociedade secreta, e Scott tinha aprendido da maneira mais difícil que segredos não traziam nada de bom.

A porta abriu rangendo. Nora saiu, jogou os braços em volta do pescoço dele e apertou. *Obrigada.*

Ele a segurou até que ela parasse de tremer.

*Tudo isso em um único dia de trabalho*, provocou ele, fazendo o melhor possível para acalmá-la. *Você me deve uma.*

Ela deu uma risada que saiu pelo nariz.

— Dá para ver que eles estão muito felizes em ter a mim como nova líder.

— Eles estão em choque.

— Estão chocados porque o Mão Negra deixou o futuro deles nas minhas mãos. Viu a cara deles? Achei que iam começar a chorar. Ou isso, ou jogar tomates em mim.

— Então o que você vai fazer?

— Hank está morto, Scott. — Ela olhou-o fixamente, então secou as lágrimas, passando os dedos embaixo dos olhos, e Scott viu um lampejo de alguma coisa na expressão dela que não conseguia definir. Convicção? Confiança? Ou, talvez, confissão declarada. — Vou comemorar.